

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Popular Class.: 168

Data: 29/09/82 Pg.: \_\_\_\_\_

Editorial

190 **FRACASSO  
CONFESSADO**

Os índios carajás servem como o exemplo mais flagrante dos males que podem causar a povos primitivos uma integração à civilização mais desenvolvida que os cerca e acaba por dominá-los, impondo-lhes seus parâmetros culturais e econômicos.

O mal, evidentemente, não está na integração em si mesma, pois predomina entre sociólogos e antropólogos a convicção de que o índio não pode e não deve ser conservado como uma peça arqueológica. Não pode, porque essa pretensão é ilusória, já que as chamadas fronteiras civilizatórias, que não são outras se não as fronteiras agrícolas e pecuárias, ao entrarem em contato com as reservas indígenas tendem a eliminá-las, pela assimilação ou pela destruição pura e simples. Mas o índio também não deve ser mantido como uma peça de museu porque ele não é um animal exótico e à margem do processo de desenvolvimento cultural, social, econômico e tecnológico de todos os povos da espécie humana, mas agrupamentos situados em escalas mais rudimentares da civilização. O caminho certo, definido pela experiência internacional e nacional, é o de fazer com que o próprio indígena se capacite para fazer face e vencer o desafio de uma civilização melhor dotada do que a dele, de recursos técnicos e tecnológicos. Se não estiver suficientemente preparado, o índio não se integra à nova civilização e sim é por ela atropelado e destruído. Exatamente isso é o que vem acontecendo com os índios carajás, que vão desaparecendo como povo, pela diluição de suas características culturais, e como indivíduos, minados pelas doenças e vícios que lhes são transmitidos sistematicamente e crescentemente pela sociedade que os cerca, os explora e os oprime.

O problema dos carajás foi colocado na ordem do dia em razão da denúncia feita pelo indigenista Acary Passos sobre as condições precárias em que sobrevivem em Aruanã os 33 últimos remanescentes de uma aldeia de 600 indivíduos, transferidos para a Ilha do Bananal quando ela foi transformada em reserva indígena. Depois de marchas e contra-marchas, quando se chegou a demarcar uma área onde a Goiastur contruiria casas para esses índios, a Funai anuncia agora seu plano de transferir os 33 carajás para a Ilha do Bananal, num reconhecimento tácito de que sua política de integração dos silvícolas à civilização falhou.

Os carajás de Aruanã, de fato, estão, bem ou mal, integrados à civilização que os cerca: sobrevivem prestando à sociedade local serviços braçais, têm sua atividade artística transformada em objeto de comércio e muitos deles estão casados com cristãos e cristãs. Vivem mal, mas ninguém pode garantir que viverão melhor na reserva indígena, onde continuarão submetidos à promiscuidade e à exploração dos brancos, exatamente como em Aruanã.